



Protágoras e a doxografia platônica sobre o mais eminente sofista

Protagoras and the platonic doxography on the most eminent sophist

Osvaldo Cunha Neto ¹

André Luis La Salvia ²

Resumo: Alguns diálogos de Platão podem ser entendidos, no confronto com outras fontes secundárias, como doxografias de personalidades históricas contemporâneas de Sócrates e de outros pensadores dos séculos V e IV a.C. É o caso do sofista Protágoras, retratado, no diálogo homônimo, com elementos históricos comuns às informações presentes em Diógenes Laércio, por exemplo. O presente artigo é introduzido com a conceitualização de doxografia aplicada à obra de Platão para, em seguida, debruçar sobre a análise do diálogo dedicado ao sofista em confronto com Sócrates. A conclusão apresenta o resultado desta logomaquia e, assim, o quanto Platão seria uma fonte doxográfica fidedigna ou não para registrar, historicamente e intelectualmente, o rastro do mais eminente e enciclopédico dos sofistas.

Palavras-chave: Doxografia; Diálogos; platônicos; Sofista; Filósofo.

Abstract: Some dialogues of Plato can be understood, in the confrontation with other secondary sources, as doxographies of Socrates' and other thinkers' contemporary historical personalities of the 5th and 4th centuries BC. This is the case of the sophist Protágoras, portrayed, in the homonymous dialogue, with common historical elements to the information present in Diógenes Laércio, for example. The present article is introduced with the conceptualization of doxography applied to the work of Plato, and then to look at the analysis of the dialogue dedicated to the sophist in confrontation with Socrates. The conclusion presents the result of this logomaking and, thus, how much Plato would be a reliable doxographic source or not to register, historically and intellectually, the trail of the most eminent and encyclopedic of the sophists.

Key-words: Doxography. Platonic dialogues. Sophist. Philosopher

¹ Doutor em Linguística pela Unicamp (subárea de Estudos Clássicos), fez doutorado sanduíche na Universidade de Ottawa (2013/2014) e graduação em Filosofia pela Unesp (licenciatura, 2001). Atualmente é professor efetivo de Filosofia do Instituto Federal de Rondônia (campus Vilhena). Objeto de pesquisa: Segunda Sofística e Bases filosóficas da educação.

² Professor de filosofia da UFABC. Fez graduação, mestrado e doutorado em Filosofia pela UNICAMP. Trabalha principalmente com ensino de filosofia, articulando cinema e filosofia, e com a filosofia de Gilles Deleuze e Felix Guattari.

Introdução

Philosophical treatment of the problems posed by the concept of knowledge has been curiously blind to the role played by testimony in the accumulation and validation of knowledge or, for that matter, justified belief. This is all the more surprising, given that an enormous amount of what any individual can plausibly claim to know, whether in everyday affairs or in theoretical pursuits, is dependent in various ways upon what others have to say. [...] Testimony is thus viewed as a second-order source of knowledge. (GRAIG, 1998, p. 309).³

Se de um ponto de vista epistemológico os testemunhos são preconcebidos como informações de segunda ordem e, portanto, demasiado relativizáveis para um adequado tratamento conceitual⁴, do ponto de vista estrutural, eles têm ainda menos credibilidade por serem entendidos como informações soltas, sem, necessariamente, uma unidade ou mesmo uma organização prévia, uma vez que são extraídos fragmentariamente a partir de menções descompromissadas do ponto de vista teórico e conceitual.

Por outro lado, quando tentamos enquadrar as informações presentes nos diálogos de Platão em uma doxografia, esbarramos na metodologia fechada que a caracteriza, pois, “doxographies are frequently found in authors when they deal with particular philosophical topics” (GRAIG, 1998, p. 126) e, ainda que possamos mapear inúmeros tópicos filosóficos particulares em Platão, eles carecem da sistematização e metodologia que caracterizam as doxografias, ou seja, de uma sistematização ao modo da escola peripatética.⁵

Não obstante, sabemos que “a defect of doxography is that in the course of time it tends to become rather schematic, eschewing both argument and analysis, and concentrating chiefly on the juxtaposition of views or on a thin skeleton of doctrine” (GRAIG, 1998, p. 126)⁶. Mas sabemos que nos diálogos de Platão o que vemos é justamente o contrário: ele coloca teorias em confronto justamente para problematizá-las e submetê-las ao confronto com outras teorias.

³ O tratamento filosófico dos problemas colocados pela concepção de conhecimento tem curiosamente sido cego ao papel desempenhado pelo testemunho na acumulação e validação do conhecimento ou mesmo, no que diz respeito ao assunto, corroborado para sua aceitação. Isso é completamente insólito dado que grande parte do que qualquer indivíduo pode plausivelmente alegar saber, tanto em assuntos cotidianos como em aspirações teóricas, é dependente, de vários modos, do que os outros têm a dizer. (...) Testemunho é, assim, entendido como uma fonte de conhecimento de segunda categoria.

⁴ Lembramos que Platão é incluído tanto na canônica obra de Diels & Kranz: *Fragmente der Vorsokratiker*, de 1903, como na difundida obra de Mario Untersteiner, de 1949, intitulada: *Sofisti – Testimonianze e Frammenti*, que acrescenta fragmentos e testemunhos ausentes na obra de Diels, ou seja, já está estabelecido o procedimento de tomar algumas informações presentes nos diálogos de Platão como testemunhos, isto é, como fonte “secundária”.

⁵ Cf. *Id. Ibid*, p. 126 “From its origins in the Peripatetic school, the doxographical method became widely used in ancient philosophical writings”.

⁶ “um defeito da doxografia é que com o passar do tempo ela tende a se tornar muito esquemática, evitando tanto argumentação como análise, concentrando-se principalmente na justaposição de concepções ou em um simples esquema da doutrina”.

Nesse sentido, mais do ponto de vista filosófico e reflexivo do que do ponto de vista estritamente metodológico, podemos dizer que Platão cumpriria os quesitos para ser tomado como um bom doxógrafo, afinal, inclui na sua literatura dialética e particular uma brecha para a historicidade com inegável toque realístico quando confronta com propriedade diferentes concepções teóricas de outros autores com os quais dialoga.

Desse modo, ainda que, a rigor, Platão seja inventivo e criativo como um escritor de literatura, o conjunto dos relatos e fragmentos extraídos de Platão também pode ser entendido como uma espécie de doxografia, já que, como nas outras doxografias, exibem uma seleção pessoal do escritor (δόξα) em relação à vida e obra de outros pensadores específicos, mantendo, dentro da dinâmica característica dos diálogos, nexos e continuidade entre as diferentes informações de um mesmo pensador.

Já em relação ao exame da fidelidade de seus relatos, como acontece com os outros doxógrafos, é necessário um exame acurado sobre cada autor mencionado e informação referida, pois, sobretudo em Platão, encontramos nos diálogos diversos personagens e diversos mecanismos específicos, muitas vezes particulares a cada diálogo e a cada pensador.

Em geral, o que observamos é que enquanto a doxografia de alguns pensadores pode se dar ao luxo de ser irrelevante, muitas vezes anedótica, se atendo a ironias teóricas ou mesmo a detalhes supérfluos de suas vidas pessoais (sobretudo em Diógenes Laércio), no caso do sofista Protágoras, por outro lado, qualquer chance que existir de se aproveitar informações relevantes a seu respeito é de fundamental importância para conhecermos mais sobre o seu pensamento, pois, é bem escasso o *corpus* de fragmentos e testemunhos não só de Protágoras, mas também de todos outros sofistas (com exceção de Górgias, o único sofista do período clássico que nos deixou obra integral de sua autoria).

Desse modo, vislumbrar a possibilidade de tomar Platão como um doxógrafo não é uma mera interpretação dos alcances dos seus escritos, mas uma necessidade mais fundamental, sobretudo quando se leva em consideração a transição vivida na época de Platão e dos sofistas da cultura oral para a cultura escrita e, conseqüentemente, da individualização de um conhecimento que até então era produzido e difundido coletivamente, com a cultura oral, para um conhecimento que passa a ser individualmente registrado e, por conseguinte, mais facilmente mapeado, com a escrita.

Por outro lado, para não incorreremos em uma atitude ingênua, é imperioso destacar que se por um lado é factível que podemos tomar alguns escritos de Platão de um ponto de vista doxográfico, também é verdade que esta faceta do filósofo não se aplicaria a todos os seus diálogos e, menos ainda, a todos os personagens mencionados por ele.

Cientes de que pensar a problemática da doxografia em Platão é um desafio de proporções amplas e complexas, de modo que, em diferentes diálogos e em relação a diferentes personagens temos diferentes abordagens: umas mais literárias, outras mais

históricas, outras mais filosóficas, nos restringimos a tratar da doxografia de Platão somente em relação ao sofista Protágoras e, em particular, com o escopo voltado ao diálogo que leva o nome do sofista. Não obstante, não foi possível dissociar tal enfoque de outros diálogos, principalmente do *Teeteto*, que, a rigor, integra com o *Protágoras* a suma do pensamento do sofista de Abdera, mesmo quando consideramos não apenas Platão, mas toda doxografia existente sobre Protágoras.

No diálogo com outras fontes doxográficas é notável o quanto Platão ocupou-se de Protágoras, ora exaltando-o, quando permite que o sofista use as “próprias palavras” (seja no *Protágoras*, quando o sofista está presente, seja no *Teeteto*, quando Sócrates reproduz com maestria seu pensamento), ora insultando-o, quando no *Teeteto*, dá voz ao personagem Sócrates para “conversar” com o pensamento de Protágoras uma vez que, além de ausente, o sofista já estaria morto há alguns anos.

Entendemos que esse cuidado de Platão em relação ao sofista Protágoras nos diz algo sobre uma característica passível de ser encontrada no gênero diálogo eternizado por Platão: deixar falar quem está presente (na cena dramática do diálogo), e injustiçar quem está ausente⁷.

Não vemos apenas um Protágoras em Platão, vemos as diferentes maneiras possíveis de ver o pensamento de um teórico sob diferentes prismas e diferentes opiniões, esta faceta do diálogo de Platão que observamos no *Protágoras* reproduz com maestria um traço fiel da própria realidade complexa e multifacetada.

Desenvolvimento

1 - O formato do *Protágoras*

O diálogo filosófico de Platão, enquanto gênero literário (RIBEIRO, 2009, p. 94)⁸, abarca uma gama de questões mitológicas, filosóficas, literárias, poéticas e históricas que dificilmente serão integralmente explicadas e compreendidas consensualmente algum dia. Isso se deve, a nosso ver, a dois motivos: primeiro, ao engenho do escritor dos Diálogos e, segundo, ao contexto de efervescência intelectual que eles retratam, reunindo,

⁷ No *Teeteto*, 171 d, o personagem Sócrates verbaliza nossa afirmação ao comentar que se Protágoras pudesse sair da terra (afinal, na cena dramática do *Teeteto* o sofista Protágoras já estava morto), iria acusar Sócrates de dizer tolices quando contradiz sua teoria relativista. No *Protágoras*, 329 a, o personagem Sócrates elogia a capacidade dialética e critica o comportamento de não saber argumentar em favor de uma tese, como acontece com o que foi escrito em um livro. É a ideia que também aparece no *Fedro*, 276 c, na *Carta VII*, 344 c segs, e *Carta II*, 314 c; o texto escrito não pode se defender, tampouco a teoria de um pensador que está ausente.

⁸ Reconhecido como tal desde a Antiguidade, mas, como atesta Aristóteles na *Poética*, 1447 b, Platão não seria nem o primeiro e nem o único a escrever “diálogos socráticos” que se assemelhavam a outros gêneros também conhecidos como os mimos.

em um único *corpus*, toda uma tradição cultural que, até então, fazia parte do domínio público, ou melhor, do repertório intelectual de muitos pensadores, sem uma preocupação excessiva com o que chamamos hoje de autoria.

Desse modo, podemos vislumbrar nos Diálogos de Platão o uso de outros gêneros literários já consagrados no séc. IV a.C. (NIGHTINGALE, 1996, p. 03), alusões à tradição mitológica pré-filosófica com várias citações das epopeias, (sobretudo de Homero, mas também de Hesíodo), referências aos poetas líricos (Píndaro, Simônides, Pítaco e outros), estruturação de alguns diálogos em atos à semelhança das tragédias (RIBEIRO, 2009, p. 94), inegável dívida em relação à comédia (NIGHTINGALE, 1996, p. 172, GREENE, 1920, p. 63 e, em relação ao *Protágoras*, ARIETI, 2010, p.8), além de diversas informações de acontecimentos e personalidades históricas atestadas por outras fontes.

Como se não bastasse toda essa diversidade de abordagens e temáticas, os Diálogos também encerram um formato peculiar que, na maioria das vezes, oferece tanto fluidez na leitura, com um registro notadamente informal e próprio da linguagem dialogada, como também possibilita o embate de concepções filosóficas arraigadas em teorias e conceitos bastante elaborados. Algumas vezes tal embate é realizado com decoro e civilidade, mas, em outras, configura-se como uma *logomaquia*, uma disputa intelectual entre concepções e teorias antagônicas⁹. Podemos dizer, assim, que todos esses aspectos do gênero literário “diálogo” estão presentes no *Protágoras*.

Por outro lado, ao conjecturar sobre as particularidades do diálogo *Protágoras*, ou seja, sobre as características que não se repetem nos outros escritos de Platão, dois itens se destacam: o primeiro de caráter formal, que diz respeito ao fato de o diálogo ser narrado pelo próprio Sócrates logo na sequência do encontro que motiva sua narrativa (com tudo o que ela comporta de inventividade) de tal modo que, a rigor, teríamos dois diálogos simultâneos, e o outro, de caráter teórico-ideológico; Sócrates, pela primeira e única vez nos escritos platônicos, sucumbe diante das qualidades argumentativas de um sofista.

Ainda que os diálogos *Fédon*, *Banquete* e *Parmênides* também sejam narrados respectivamente pelos personagens Fédon, Apolodoro e Céfalo, e que o *Lisis*, o *Eutidemo*, o *Cármides* e a *República* sejam narrados pelo próprio Sócrates, o diálogo *Protágoras* é o único cuja narração se dá imediatamente após ter acontecido o encontro que será narrado.

Esse fato acompanha todo o desenrolar do diálogo em que Sócrates sai do discurso direto para fazer uma série de comentários que propiciam a simultaneidade dos

⁹ Como confirmam os seguintes comentários: “No *elenchos* filosófico, em contrapartida, o embate se dá entre dois interlocutores que serão, por si só, suficientes para julgar a verdade em questão” (LOPES, 2008, p. 15). “The dialogue form thus represents Plato's attempt to assess the philosophical strength and weakness of such alternative theses and to formulate his own answers for the debated question (although, again, Plato's answer is, in many cases, not wholly clear” (ZILIOLI, 2007, p. 12).

discursos e causam uma sensação de instantaneidade das ações, acrescidos de comentários detalhados sobre o horário da visita de Hipócrates, o momento em que começa surgir a luz do dia (312 a), da bela descrição do movimento de Protágoras (e daqueles que o acompanhavam) em uma evolução simétrica, semelhante a um passo ensaiado de dança (315 b), Sócrates comenta com vivacidade e riqueza de detalhes as reações de Protágoras ante seu interlocutor (333 e) e suas próprias reações ante ao sofista (339 e), e chega a se referir, no momento presente, ou seja, no momento em que narra o encontro que acabara de ter, ao mesmo manto que usava no encontro com Protágoras (335 c 10).

Esta narração que Sócrates faz do encontro que acabara de ocorrer (ainda que os antigos sejam reconhecidos pela prodigiosa memória e que as descrições orais de acontecimentos passados não denotassem qualquer habilidade vista como digna de menção, (SOUZA, 1964, p. 86) nos faz pensar que o conteúdo que seria narrado estaria menos sujeito a modificações e equívocos por conta de um eventual esquecimento (tanto no caso do encontro ter realmente acontecido, como no caso da simulação verossímil de um encontro fictício), sobretudo, porque é o próprio Sócrates, de prodigiosa memória (336 d), o responsável por precisar tudo o que foi falado.

Diferentemente dos outros diálogos que também são narrados, no *Protágoras*, Sócrates tece comentários paralelos durante toda a descrição que faz do encontro que acabou de acontecer, sugerindo que sua narração, feita imediatamente depois de ele ter ocorrido, poderia ser considerada fidedigna e documental (no caso de entendermos este diálogo como um texto não meramente inventivo e literário).

Em favor desta hipótese e seguindo a metodologia de interpretar Platão dentro do “contexto platônico” (ou seja, analisando cuidadosamente as características gerais de cada diálogo e evitando a menção a passagens isoladas dos seus respectivos contextos e diálogos) basta, por exemplo, contrastar o diálogo *Protágoras* com o diálogo *Teeteto* (o outro diálogo de Platão que coloca o pensamento de Protágoras no cerne do debate filosófico) para que pareça mais evidente a proposição de que o *Protágoras* encerra mesmo uma exposição mais verossímil de um encontro de Sócrates, Protágoras e outros interlocutores.

Diferente de toda a vivacidade e riqueza de detalhes que vemos no *Protágoras* (comparável ao que observamos em diálogos como o *Apologia*, *Banquete* e *Fédon*), desde a descrição do momento exato em que Sócrates é despertado (310 a), passando pela referência ao comportamento irritado do porteiro da casa de Cálias (314 d), além de inúmeros outros detalhes do cenário e dos presentes na casa de Cálias (315 a), a argumentação no *Protágoras* é totalmente imprevisível: os interlocutores se surpreendem com as respostas e reações uns dos outros, ou seja, paira a sensação de uma conversa espontânea e não de uma conversa previamente preparada.

No *Teeteto*, ao contrário, a começar pela fala de Euclides a Terspíão, em que aquele explica como elaborou o diálogo após várias consultas a Sócrates (142 c), percebemos um nítido artificialismo durante todo o diálogo, de tal modo que, em nenhum momento visualizamos um cenário dramático para o diálogo, sem mencionar a previsibilidade da argumentação de Sócrates que, apesar de se referir mais de uma vez à arte maiêutica e de dizer que ele não sabe nada, apenas ajuda a “parir” o conhecimento alheio (148 e, 150 b, 210 b). A todo momento Sócrates dá mostras de que pergunta já sabendo onde quer chegar com a argumentação (tendência observada em muitos outros diálogos).

Já em relação à singularidade do *Protágoras* do ponto de vista teórico-ideológico, em virtude dos personagens principais do diálogo serem Sócrates, um filósofo, e Protágoras, um sofista, poderíamos supor – conforme a interpretação dominante sobre o assunto (BENOIT, 2004, p. 09) – mesmo entre aqueles que almejam promover uma reinterpretação dos sofistas¹⁰, que a narrativa que Sócrates faz do encontro tenderia a ser parcial e que privilegiaria a supremacia do filósofo em relação ao sofista¹¹, e que estaríamos diante de um texto eminentemente literário com propósitos definidos e, portanto, tendenciosos, voltado à elaboração de uma teoria em detrimento das suas formulações contrárias.

Não obstante, diferente desta interpretação, vemos no *Protágoras* que o personagem Sócrates não apenas se refere ao sofista de maneira enobrecedora¹², como se vê forçado a querer desistir do embate pelo fato de não se adaptar ao estilo argumentativo de Protágoras. Segundo Sócrates, apesar de o sofista ter a capacidade de elaborar longos discursos, ele também sabe responder brevemente (329 b 2), mas a sua opção de utilizar-se de longos discursos é incômoda a Sócrates (334 c 8).

É verdade que o diálogo não deixa de exibir alguma censura ao profissionalismo característico dos sofistas, bem como ao fato de eles cobrarem para ensinar (310 d e 312 a). Não obstante, o que chama mais atenção é que justamente no diálogo em que Sócrates encontra um sofista com qualidades argumentativas proporcionais a sua e que, portanto, a supremacia de um filósofo sobre um sofista poderia, de uma vez por todas, ficar evidente, Platão surpreende seus leitores retratando Sócrates e Protágoras sem nenhum tipo de favorecimento pelos arquétipos que eles representam.

Desse modo, seja pela característica formal que denota a descrição de um encontro recente (e, portanto, com mais chances de uma reprodução fidedigna de um suposto encontro histórico, ou mesmo fictício, mas realístico, entre Sócrates e Protágoras), seja

¹⁰ Mencionemos, por exemplo, o recente trabalho de Tell, *Plato's Counterfeit Sophists* (2011), que atribui o ostracismo intelectual dos sofistas à deturpação efetuada por Platão e Aristóteles ao caracterizar os sofistas como um grupo intelectual homogêneo mais interessado com a retórica do que com a filosofia (HANSON, 2011, p.1).

¹¹ Bartlett (2003, p. 613) sintetiza a opinião de inúmeros estudiosos do diálogo *Protágoras* ao afirmar: “The sophist as educator, especially in his difference from the philosopher, is the theme of *Protagoras*.”

¹² “O mais sábio dentre os contemporâneos”, 309 d 1.

pelo fato de que o embate entre um filósofo e um sofista foi narrado de maneira aparentemente neutra, as características específicas do *Protágoras* sugerem que a elaboração do diálogo privilegiou mais uma descrição relativamente imparcial de um suposto confronto que poderia ter acontecido, do que elaborações meramente fictícias e literárias do conteúdo do pensamento de Sócrates e Protágoras - homens e pensadores reais.

Assim, o *Protágoras* seria um exemplo paradigmático de como o diálogo filosófico de Platão pode, entre outras coisas, configurar-se como uma obra literária com elementos realísticos, não pela descrição de algo que aconteceu necessariamente, mas, sem dúvida, pela elaboração de um encontro que poderia ter acontecido, tanto pela forma, como vimos, como pelo conteúdo, como veremos.

2 - O conteúdo histórico

“A obra platônica é sem dúvida filosófica, mas profundamente arraigada em uma realidade histórica”. (SOUZA, 1964, p.02)

O protagonista da grande maioria dos diálogos de Platão, Sócrates, foi contemporâneo dos principais sofistas do séc. V a.C., com os quais trava, muitas vezes, embates argumentativos que são a própria essência dos diálogos. Fato que promove Platão ao posto de mais antigo escritor sobre sofistas de que temos notícia (desconsiderando, é claro, as comédias de Aristófanes). Aristóteles, ainda que mencione os sofistas apenas eventualmente e de maneira pouco desenvolvida, integra com Platão, o outro polo da fonte primordial de informações sobre Protágoras e os outros sofistas.

Ainda assim e, mesmo sendo posteriores aos filósofos pré-socráticos dos séculos VII e VI a.C. (ou fisiólogos, cujos os mais importantes representantes foram: Tales, Parmênides, Heráclito, Pitágoras, Empédocles e Demócrito), os sofistas do séc. V a.C. (Protágoras, Górgias, Hípias, Pródico e Antífonte, entre outros) totalizam menos fragmentos e testemunhos do que seus predecessores históricos.

A causa deste fenômeno, ao que tudo indica, repousa em questões eminentemente ideológicas, afinal, como no séc. I d.C. Cícero atesta: “Protágoras de Abdera, o maior sofista daqueles tempos, começou um livro com estas palavras: *Não posso dizer que os deuses existem ou que não existem*” (Cícero em *De natura deorum*, 1, 24, 63). Ele foi expulso pelos Atenienses, seus livros foram queimados em praça pública” (12, 29)¹³. No séc. II d.C., o

¹³ Salvo indicação contrária, todos os testemunhos e fragmentos que citaremos a seguir referem-se à obra de Mario Untersteiner: *Sofisti – Testimonianze e Frammenti*. A obra de Untersteiner baseou-se na canônica obra de Diels & Kranz: *Die Fragmente der Vorsokratiker*, tendo ele acrescentado, além dos fragmentos propriamente ditos, informações sobre a vida e obra de Protágoras. Todos os testemunhos e fragmentos que integram a obra de Untersteiner estão reunidos no “Anexo I” e irão se referir aos mesmos capítulos e

famoso doxógrafo Diógenes Laércio (IX, 55) menciona ainda que a lista de obras escritas por Protágoras (para mencionar somente o exemplo que nos interessa no momento) era bastante extensa e, como afirma o mesmo autor (em IX, 52), todas as obras de Protágoras teriam sido queimadas na *ágora* em virtude de seu manifesto agnosticismo. Eusébio (do séc. IV d.C.), na *Crônica de Jerônimo*, especifica que tal fato teria ocorrido entre os anos de 444 e 441 a.C. na ocasião da 84ª Olimpíada. Em consonância com essa versão bastante difundida da biografia de Protágoras temos o mosaico a seguir, datado de 1929:



Imagem 1 - Mosaico que ilustra as obras de Protágoras sendo queimadas em praça pública.

Fonte: Los Angeles, The University of Southern California, Mudd Hall of Philosophy.

Platão e Aristóteles, que, como já observado, estão historicamente muito mais próximos dos sofistas do que esses historiadores, não mencionam nem esta alarmante censura às obras de Protágoras e nem o naufrágio que supostamente Protágoras teria sofrido segundo as referências de Diógenes Laércio (IX, 55 e 56). Tímon de Fliunte do séc. III a.C. (no livro dos *Silos*), Sexto Empírico do séc. II d.C. (*Contra os Matemáticos*, IX, 55-57, D.L. IX, 50, 12) e Filóstrato do séc. II d.C. (nas *Vidas dos Sofistas*, I, 495) asseguram, ainda, que teriam sido os atenienses que condenaram Protágoras e que seu naufrágio, na verdade, se deu quando ele fugiu da condenação que havia sofrido.

Observamos, então, que não foi Platão o responsável por nos informar sobre a suposta censura que Protágoras teria recebido. Seus relatos e sua espécie de

biografia sobre Protágoras seriam mesmo uma fonte histórica confiável, sobretudo por se tratar de um sofista?

Alguns autores fazem uso dos testemunhos de Platão assumindo, então, a postura de reconhecer Platão como fonte confiável, são eles: Diels (1903), Untersteiner (1949), Capizzi (1955) e Souza (1964), Guthrie (1971) e Cole (1972). Todos eles incluem, por carência de outras opções, Platão na classe dos autores que aumentam consideravelmente os testemunhos acerca dos sofistas (sem deixarem de observar que tal procedimento requer uma série de cuidados).

numeração da obra sempre que forem citados. Quanto às traduções desses testemunhos, citaremos as traduções realizadas por Vaz Pinto (2005). Cf. D.L. IX, 50, 23.

Porém, de outro lado, autores como Cassin (1995), Kerferd (1989), Zilioli (2007), Ribeiro (2009) e Tell (2011), não só recusam o testemunho de Platão, por alegarem que o antagonismo de Sócrates em relação aos sofistas deturparia a legitimidade dos testemunhos, como, no caso extremo de Dupréel, vemos a insinuação de que Platão teria plagiado as doutrinas dos sofistas (DUPRÉEL, 1948, p. 402). Em uma posição intermediária encontra-se Forsdyke (1991), que elabora um método para separar, frente à caracterização dos sofistas presentes em Platão, as informações históricas das construções literárias.

A rigor, teríamos a favor dos testemunhos de Platão em relação a Protágoras o fato de eles estarem mais próximos historicamente – afinal, “he wrote in the early fourth century, when there still remained a vivid enough memory” (COLE, 1972, p. 44) –, porém, a despeito da resistência em relação aos sofistas, o fato de eventualmente encontrarmos em Platão informações e personagens fictícios levam alguns estudiosos a defenderem que não poderíamos adotar os escritos de Platão como fonte histórica, não obstante, assim como Nails (1950, p. xxxviii), entendemos a questão de maneira diferente:

Whereas previous researches have addressed discrepancies among Plato and other sources on the assumption that Plato was historically unreliable and should be used only as a last resort, my research shows that there is much to be gained on the opposite assumption: the people of Plato, unless there is strong evidence to the contrary, should be taken as he presents them.

São nove diálogos de Platão que mencionam Protágoras: *Crátilo* (386a, 391b), *Eutidemo* (286b), *Fedro* (266d), *Hípias Maior* (282d), *Mênon* (91e), *República* (600c), *Sofista* (232 d), *Teeteto* (em diversas passagens) além, logicamente, do *Protágoras*. Na maioria deles Protágoras é apenas mencionado como um paradigma de educador remunerado (como no caso do *Hípias Maior* e *Mênon*) com alusões às matérias que lecionava (*Crátilo*, *Eutidemo*, *Fedro*, *Sofista* e *República*). Não obstante, são nos diálogos *Protágoras* e *Teeteto* que observamos de maneira mais detalhada os dois polos aparentemente contraditórios da caracterização do sofista Protágoras: de um lado, com suas ocupações práticas, personificadas em uma coerente atuação no campo da educação e política e, de outro, com seu pensamento relativista e supostamente imoral, enquanto mero sofista e pseudopensador da Antiguidade.

Em se tratando do Protágoras histórico (pois abordaremos a seguir, separadamente, a síntese do seu pensamento filosófico no subitem: “*conteúdo filosófico*”), é mesmo o diálogo que leva o seu nome que fornecerá mais informações sobre sua biografia. Em relação à sua idade, por exemplo, ainda que sejamos informados no *Mênon* que Protágoras morreu com pouco mais de 70 anos e com 40 anos de profissão (91 e), informação que coincide com a segunda versão apresentadas por Diógenes Laércio (VIII, 56), no *Protágoras*, que supostamente teria ocorrido entre os anos de 433 e 432 a.C., (ZUCKERT, 2009, p. 09), o personagem Protágoras afirma (em 317 c) que poderia ser pai de qualquer um dos presentes na casa de Cálías (cenário em que se passam as principais cenas do *Protágoras*).

Ora, se Sócrates, que nasceu em 469 a.C. (NAILS, 2002, p. 263), estava com cerca de 36 anos na ocasião do diálogo, é possível supor que Protágoras teria cerca de 55 anos e, desse modo, teria nascido por volta de 490 a.C. e, conseqüentemente, por ter morrido com 70 anos, teria morrido por volta de 420 a.C. (NAILS, 2002, p. 256). As informações dadas pelos diálogos *Mênon* e *Protágoras* são coerentes entre si e, além disso, advêm de um autor do século IV a.C. que se ocupa em retratar um contexto histórico de apenas meio século passado e, assim, em acordo com Zilioli (2007), tendemos a crer que a outra versão dada por Diógenes Laércio (VIII, 55), de que Protágoras teria vivido até os noventa anos, é menos precisa¹⁴.

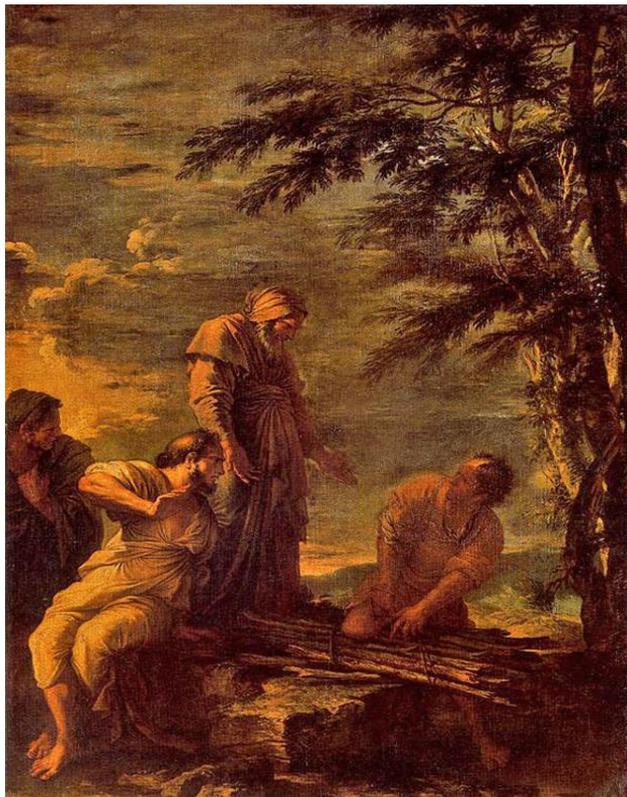


Figura 2 - Quadro que representa o suposto encontro de Protágoras e Demócrito e a origem humilde do sofista.

Fonte: St. Petersburg, The Hermitage (1663-1664).

os geômetras quando afirmou que o círculo toca a tangente em mais de um ponto (*Metafísica*, III, 2, 997b).

Outra passagem que pode fazer alusão a um dado biográfico da vida de Protágoras é a que temos em 351d, quando o personagem Protágoras afirma: “Na verdade, me parece mais prudente responder - não apenas em relação à minha resposta de agora, mas, também, levando em conta todas as outras questões da minha vida”. Apesar de a passagem ser pouco específica e de não termos condições de saber exatamente a que

Outras passagens aparentemente desprezíveis como 320 b, quando o personagem Sócrates afirma: “[eu sei que] você estudou e descobriu muitas coisas sozinho”, também têm eco em testemunhos de outros autores. Diógenes Laércio e Aristóteles, por exemplo, afirmam que Protágoras foi o precursor de uma série de inovações, sobretudo no campo da linguagem. Diógenes Laércio (IX, 8, § 52 e 53) afirma que Protágoras foi o primeiro a distinguir os tempos verbais, foi criador do gênero do discurso erístico e o primeiro a tratar da importância do momento oportuno, também foi o primeiro a usar o argumento de Antístenes e os λόγοι σοκρατικοί e, de acordo com Aristóteles, foi o primeiro a diferenciar os gêneros gramaticais: masculino, feminino e neutro (*Retórica*, III, 1407b, §5) e foi aquele que refutou

¹⁴ “The tradition of a life of ninety years reported by Diogenes seeming to be false” (ZILIOLI, 2007, p. 20).

Protágoras estaria se referindo, lembremos das duas versões aparentemente contraditórias a respeito da sua origem social.

A primeira e mais difundida, é aquela atestada por Diógenes Laércio (IX, 53) em que Protágoras teve origem humilde e que, no labor de suas ocupações, inventou um mecanismo para facilitar o seu trabalho (de carregar lenhas), fato que chamou a atenção do filósofo Demócrito, que prontamente se dispôs a ser mestre do futuro sofista. O suposto encontro de Protágoras e Demócrito também foi retratado na imagem que temos acima (Imagem 2).

A segunda versão, datada do séc. II d.C., ou seja, distante de Protágoras mais de 450 anos, é atestada por Filóstrato, na *Vida dos Sofistas* (I, 494, 09). Filóstrato nos informa que Protágoras teve contato com os magos persas na ocasião em que Xerxes entrou em guerra contra a Hélade, fato que nos levaria a crer que Protágoras poderia ter sido, também, um aristocrata (VAZ PINTO, 2005, p. 55).

No *Protágoras*, além de não termos alusões específicas à classe social do sofista, teríamos, segundo Croiset (2001, p. 43) e Taylor (1996, p. 78), um exemplo de anacronismo. Trata-se da passagem presente em 327 d em que o personagem Protágoras supostamente refere-se a uma peça que teria sido encenada em 420 a.C., sendo que a cena dramática do diálogo se passa em 432 a.C.: “tratam-se de rústicos assim como aqueles que, no ano passado, o poeta Ferécrates apresentou nas Lenéias”. Segundo os comentadores acima mencionados, o personagem Protágoras estaria se referindo à comédia *Os Selvagens* (ἄγρικοί), que supostamente teria sido encenada no festival das Lenéias em fevereiro de 420 a.C. (SMITH, 1861, vol. III, p. 258).

Não obstante, além de o personagem Protágoras não mencionar especificamente a peça *Os Selvagens*, cuja datação é Ateneu quem nos informa, do séc. II d.C. (SUIDA, α, 731), SMITH, 1861, vol. III, p. 258 e, portanto, posterior a Platão, Ferécrates obteve sua primeira vitória no festival das Lenéias em 438 a.C., sendo que seria totalmente factível o comediógrafo usar caracterizações parecidas no coro de mais de uma peça. Ou seja, nada garante que esta menção que o personagem Protágoras faz da peça de Ferécrates seja mesmo anacrônica.

3 - O conteúdo filosófico

“People who like their philosophy spoon-fed are better off not reading the dialogues of Plato” (ARETI et BARRUS, 2011, p.06).

De um ponto de vista estrito, em se tratando das concepções de Protágoras enquanto pensador relativista, e de Platão, tido como um filósofo idealista, poderíamos supor, como faz Zilioli (2007, p. 07)¹⁵, que Platão não apenas é o arqui-inimigo filosófico

¹⁵ “(...) since Protagoras is, on my account, Plato's philosophical enemy, and since Plato opposes Protagora's philosophical ideas, from the positions that he attributes to Protagoras in his dialogues he tends to draw

de Protágoras, como também, estaria propenso a distorcer as teorias de Protágoras em favor próprio (aproveitando-se do fato de que só temos uma versão deste embate).

Em relação à tal suposição, não restaria alternativa senão confrontar os testemunhos de Platão com os testemunhos dos outros doxógrafos e, assim, extrair o que haveria de comum entre eles para definir o pensamento filosófico de Protágoras, bem como o papel do diálogo que leva o seu nome em todo este processo, afinal, como já mencionado, aparentemente haveria grande disparidade entre o conteúdo do *Teeteto* e do *Protágoras* – os dois diálogos de Platão dedicados, respectivamente, à caracterização teórica e prática de Protágoras.

E, no confronto de Platão com os doxógrafos tardios que escreveram sobre Protágoras, constatamos é que não é Platão o responsável pela desvalorização do pensamento de Protágoras, pelo contrário.

Excetuando divergências pontuais que estariam mais relacionadas a dados biográficos do que em relação ao pensamento do sofista, nos demais testemunhos, que dizem respeito às teorias filosóficas de Protágoras, observamos que a essência do pensamento de Protágoras parece comum a todos os doxógrafos.

Esse fato nos leva a pensar que os doxógrafos tardios fizeram uso de Platão para fundamentarem suas doxografias no que tange as informações sobre o pensamento de Protágoras, pois, apesar de Platão não ser nem o primeiro, nem o único escritor “primordial” sobre os sofistas (o primeiro escritor a registrar informações sobre os sofistas que temos acesso é Aristófanes e, Aristóteles, apesar de ser posterior a Platão, também pode ser considerado um autor primordial sobre os sofistas devido à proximidade cronológica e à autoridade que representa na História da Filosofia), é ele quem nos traz um maior número de informações sobre o pensamento não só de Protágoras, mas também de todos os outros sofistas.

No confronto de Platão com os doxógrafos tardios de Protágoras, sobretudo Sexto Empírico, Filóstrato e Diógenes Laércio, é notório o quanto as informações que Platão nos apresenta do pensamento de Protágoras são mais detalhadas e, no geral, não apresentam divergências significativas em relação às as informações registradas por esses doxógrafos.

Protágoras, que pode ser considerado não apenas o primeiro pensador relativista da cultura ocidental, mas também, um dos primeiros pensadores humanistas (Guthrie, 1971, p. 64), é retratado, pela totalidade dos testemunhos a seu respeito, incluindo os testemunhos de Platão, a partir de duas perspectivas moralmente antagônicas: de um lado, como um teórico autêntico que cunhou valiosas reflexões e ensinamentos éticos, de

some philosophical consequences that need not be drawn. Plato wants to show Protagora's positions untenable (...) (ZILIOLI, 2007, p. 07).

outro, como um mal intencionado e intemperante competidor erístico. Cole (1972, p. 19) sintetiza bem essa questão ao afirmar:

the figure we know as Protagoras was in reality two persons of that name, who lived separate existences in the fifth century B. C. (...) One of them was the pattern and prototype of that disreputable breed the sophist, the other a serious political thinker of considerable insight and originality.

Colocado nesses termos, cabe-nos, então, avaliar as razões para tal disparidade a fim de entendermos o papel de Platão neste processo, bem como o do *Protágoras* (o diálogo que a nosso ver reuniria a essência biográfica e intelectual do sofista Protágoras).

Apresentaremos a seguir, em ordem cronológica, os principais testemunhos e fragmentos sobre o pensamento de Protágoras, destacando a dicotomia entre o homem íntegro, teórico da educação e da política, e o sofista oportunista, que elabora um pseudorelativismo a fim de, maliciosamente, obter triunfos ante seus interlocutores.

Como poderemos observar, Platão fornece um volume muito maior de informações sobre o pensamento de Protágoras do que os demais doxógrafos que escreveram a respeito do sofista. Não obstante, como Platão retrata com aparente equilíbrio as duas faces de Protágoras, sem tomar um partido claro sobre qual o caráter predominante de Protágoras, teremos que diferenciar o que para nós seria o autêntico testemunho do juízo de valor do personagem Sócrates.

Cronologicamente, Aristófanes (450-386 a.C.) é o primeiro autor a registrar e satirizar o pensamento de Protágoras: “Dizem que no meio deles os raciocínios são dois: o forte, seja ele qual for, e o fraco. Eles afirmam que o segundo raciocínio, isto é, o fraco, discursando, vence nas causas injustas” (*As Nuvens*, 112 e segs), “o outro dos seus dois raciocínios” (244)¹⁶.

Na sequência cronológica, já em Platão (427 - 348 a.C.), no *Teeteto* 166 d, vemos o personagem Sócrates expor o pensamento de Protágoras, falando como se fosse o próprio sofista: “Não estou propondo, de modo algum, que a sabedoria e o homem sábio não existiriam de fato, apenas estou dizendo que sábio é aquele que transforma coisas que parecem e são más em coisas que parecem e são boas” (166d). Em seguida, em Aristóteles (384 - 322 a.C.): “tornar mais forte o argumento mais fraco” *Retórica* (3, 1407 b).

Cole (1972, p. 30) argumenta que o princípio sintetizado pela afirmação: “estou dizendo que sábio é aquele que transforma coisas que parecem e são más em coisas que parecem e são boas” seria, para Protágoras, aplicável em vários contextos e, diferente da sátira nas *Nuvens*, não teria propósitos utilitaristas:

there is nothing in the phrase itself that demands such an interpretation, and the phrase itself was probability all that the doxographers had to go on. I suggest, therefore, that making the worse

¹⁶ Menção indireta de Aristófanes ao “tornar o *lógos* mais fraco o *lógos* mais forte”. O presente fragmento não está incluído nas obras que reúnem os testemunhos e fragmentos de Protágoras nas obras acima mencionadas.

argument better was simply another example of teaching men how to make the best of what seemed to them bad situation. (COLE, 1972, p 33).

Embora tenha repercutido mais a ideia de que Protágoras buscava “tornar mais forte o argumento mais fraco”, como diz Aristóteles, Cole nos mostra que é possível estabelecer um paralelo entre a passagem acima, extraída do *Teeteto* (166 d), e o mito de Prometeu e Epimeteu, que o personagem Protágoras expõe no diálogo homônimo e, portanto, seria possível extrair a essência da prática pedagógica de Protágoras em consonância com seu pensamento ético.

No mito (322 b e segs.), por ainda não possuir a arte política, a raça humana vivia em uma situação ruim, mas, depois da aquisição dessa arte fornecida por Zeus, observa-se uma mudança na condição humana, proporcionada pela ação de Zeus:

The acquisition of civic excellence is that change in attitude which allows them to see good (concord, exchange of goods and services) in a situation where previously they had seen evil (anarchy, mutual wrongdoing). And Zeus, since he brings about the change, is, most appropriately, the original and archetypal sophist. (COLE, 1972, p 31).

Desse modo, como Cole, interpretamos que seja possível uma leitura homogênea em relação à essência do pensamento e prática de Protágoras a partir dos dois principais diálogos platônicos que se ocupam do sofista. Porém, por se tratar de uma leitura pouco explícita, não temos como saber se o próprio Platão fez tal caracterização consciente ou inconscientemente (COLE, 1972, p. 30).

Algo completamente diferente acontece com a caracterização do patente relativismo de Protágoras que, em Platão, aparece em maior volume e em diferentes diálogos. No *Crátilo*, 385 e: “Como Protágoras sustentava ao dizer que o homem é a medida de todas as coisas, tal como as coisas parecem ser, assim elas são para mim, tal como elas te parecem, assim elas são a você”, *Eutidemo* 286b: “Mas eu tendo ouvido de muitos este argumento de que não é possível a contradição, fico sempre admirado. Tanto os discípulos de Protágoras quanto os pensadores mais antigos ainda faziam uso dele”.

No *Teeteto*, 161b-161d, porém, antes mesmo de expor mais detalhes da teoria de Protágoras, o personagem Sócrates desqualifica o pensamento do sofista afirmando que qualquer animal que tenha percepção teria, segundo Protágoras, conhecimento¹⁷.

Dialeticamente, no mesmo diálogo, 166b e segs., no trecho que ficou conhecido como a “Apologia de Protágoras”, vemos o personagem Sócrates, sem juízo de valor, reproduzir a teoria relativista de Protágoras. Na sequência, em 170 e-171c, o personagem Sócrates, depois de expor o que o próprio Protágoras teria argumentado sobre sua teoria do “homem medida”, mostra que, como a verdade é o que parece a cada um, bastaria

¹⁷ Passagem que não está inserida como parte dos testemunhos de Platão sobre Protágoras até porque trata-se da “opinião” do personagem Sócrates.

alguém achar que a teoria de Protágoras é falsa para que ela fosse realmente falsa¹⁸. No *Protágoras*, em 331d o personagem Protágoras argumenta que “tudo guarda semelhança com tudo”¹⁹ e, em 334, que o “bom” depende das circunstâncias”.

Mas também Aristóteles diz em dois momentos da *Metafísica*:

Se todas as declarações contraditórias são verdadeiras ao mesmo tempo e em relação ao mesmo assunto, é evidente que todas as coisas serão uma só. (...) é permitido afirmar ou negar qualquer coisa, como devem necessariamente admitir os que sustentam o argumento de Protágoras. Se a alguém parece que o homem não é uma trirreme, é evidente que não é uma trirreme; de modo que também o é, se a declaração contraditória for verdadeira. *Metafísica*, 4, 4, 1007 b 18

Aquele que disse que o homem é a medida de todas as coisas, não dizendo outra coisa senão que o que parece a cada um é seguramente isso. Mas, sendo assim, a mesma coisa é ser e não ser, má e boa e o mesmo se diz em relação às afirmações opostas, pelo facto de que muitas vezes uma coisa parece bela a uns e o contrário a outros e a medida é o que aparece a cada um. *Metafísica*, 11, 6, 1062 b 13.

E, em referência inequívoca aos filósofos clássicos, temos também Sexto Empírico, séc. II d.C. em *Contra os matemáticos*, 7, 389 II (D.L. IX, 50, 15)²⁰ :

Não se pode dizer que toda aparência é verdadeira, porque o argumento pode ser voltado contra ele próprio, como ensinavam Demócrito e Platão (*Teeteto*, 171a) objetando Protágoras – Se toda aparência é verdadeira, a opinião de que nem toda aparência é verdadeira será verdadeira e a opinião de que toda aparência é verdadeira se tornará falsa.

Todos sabemos que o relativismo de Protágoras incorpora a essência da divergência e dicotomia teórica entre o sofista, e seu “relativismo da percepção”, e Platão, com objetivismo ontológico (ZILIOLI, 2007, p. 15).

Porém, mesmo assim, diferente dos outros autores, Platão é o único que deixa “o próprio” Protágoras falar e se defender, expõe a opinião do personagem Sócrates, criticando as concepções teóricas de Protágoras e dando vida a imagem de um pensador leviano, mas também não deixa de expor os argumentos que Protágoras usa para se defender.

Ao analisarmos a totalidade das referências ao pensamento relativista de Protágoras que Platão nos fornece, podemos até cogitar que Platão desse preferência às posições expostas pelo personagem Sócrates, contudo, não é possível concluir dogmaticamente que o pensamento relativista de Protágoras estivesse “errado”, como mostra, analiticamente, Zilioli (2007, p.134 ss).

¹⁸ Passagem que não está inserida como parte dos testemunhos de Platão sobre Protágoras até porque trata-se da “opinião” do personagem Sócrates.

¹⁹ Passagem que não está incluída entre os testemunhos mencionados no Anexo I.

²⁰ Além de Sexto Empírico e Diógenes Laércio, outros doxógrafos como Hérmas, também do séc. II d.C. (*Irrisão dos Filósofos Pagãos*, IX, D. 653) acompanham os testemunhos dos filósofos clássicos ao se referirem ao pensamento relativista de Protágoras.

E essa característica da maneira como Platão expõe o pensamento de Protágoras não é observada somente no *Protágoras*, diálogo em que o sofista está “presente”, mas também no *Teeteto*, diálogo que tem a cena dramática *post mortem* do sofista (171 d). Assistimos no *Teeteto* o personagem Sócrates falar em nome de Protágoras com tamanho cuidado (166 d), temos, portanto, a sensação de que o sofista voltou à vida para expressar o seu pensamento.

Desse modo, mesmo quando Platão explora, no *Teeteto*, o recurso de deixar o personagem Sócrates criticar Protágoras pelo fato de o sofista estar ausente (conforme já destacamos na p. 22), a “espécie de doxografia” que Platão nos fornece de Protágoras é razoavelmente coerente na sua totalidade e foi capaz, como acontece na dinâmica real do confronto de ideias, de resistir ao posicionamento contrário do personagem Sócrates e até mesmo ao infortúnio de não termos acesso as obras do próprio sofista.

Conclusão – o resultado da logomaquia

Em se tratando especificamente do *Protágoras*, por outro lado, é importante salientar que a caracterização do pensamento do sofista não é, de forma alguma, o cerne do debate filosófico. Tido por alguns mais como uma obra literária do que um escrito filosófico essencial de Platão (CROISSET, 2001, p. 03), o *Protágoras* também é entendido como uma obra filosófica intermediária por sintetizar o conceito de virtude, que teria sido tratado individualmente nos diálogos *Cármides*, *Hípias Menor*, *Laques* e *Eutífron*, que abordam virtudes particulares (ELEAZAR, 1986, p. 10), sem mencionar os que defendem tratar-se de uma obra à altura das mais elevadas elaborações filosóficas de Platão, comparável, pela complexa estrutura e pela gravidade dos temas que aborda, ao *Fédon*, *Banquete* e *República*, obras que conjugam grande beleza literária e elaborada formulação conceitual (SOUZA, 1964, p. 83).

Tamanha disparidade quanto à avaliação filosófica desta obra não é acidental, afinal, para frustrar aqueles que esperam que os conteúdos filosóficos dos diálogos estejam claros e evidentes, em nenhum momento do diálogo encontramos alguma sistematização dos conceitos filosóficos abordados. Todo o diálogo é dialético, evolui conforme o resultado de dois raciocínios e discursos (λόγοι) que se encontram e nem sempre conjugam uma mesma conclusão. Nem mesmo a investigação primeira sobre a qual o diálogo se debruça, a virtude, chega a ser definida.

O conceito de virtude (ἀρετή) é fruto de diversas especulações quanto à sua constituição, a possibilidade de ser ensinada e sua relação com a ciência (ἐπιστήμη). Porém, o enfoque é mais ético do que epistemológico, pois ocorre a partir da sua manifestação nas experiências cotidianas e não a partir de generalizações abstratas.

Partindo de uma leitura superficial do diálogo, não é possível extrair facilmente alguma esquematização do conteúdo tratado acerca do conceito de ἀρετή. Tal fato se dá,

justamente, em virtude do diálogo não se mostrar muito didático ao leitor imperito, afinal, reproduz com verossimilhança um debate aparentemente espontâneo, que poderia muito bem ser visto entre dois interlocutores reais, de alto nível intelectual e que, por tudo isso, poderiam desestruturar as “ideias prontas” um do outro. A todo o momento é notório que ambos estão sujeitos a mudarem de opinião durante o debate, o que, por fim, acaba por acontecer.

Porém, depois de uma leitura mais atenta, podemos entender que Sócrates, ao final, conclui que as partes da virtude: piedade (ὀσιότης), temperança (σωφροσύνη), justiça (δικαιοσύνη), sabedoria (σοφία) e coragem (ἀνδρεία) tratam, todas, de entidades relacionadas à ἐπιστήμη e à σοφία, ou seja, integram qualidades humanas eminentemente racionais e passíveis de serem ensinadas. Protágoras, por outro lado, que argumentou que a coragem é uma das partes da virtude “inata” terminou, depois da argumentação socrática, por ter que aceitar que aquele que age com coragem, e não por mera ousadia ou temeridade, precisa, necessariamente, de um certo saber a fim de determinar o que é digno de sua coragem, para que possa agir de maneira nobre.

Além desta inversão a respeito das concepções filosóficas de ambos interlocutores, também podemos perceber como se configura na prática a concepção relativista de Protágoras. Platão registra com aparente imparcialidade a habilidade dialética do sofista que resiste magistralmente às armadilhas de Sócrates, tanto com respostas breves, emitidas sem uma prévia elaboração, como com discursos longos, provavelmente elaborados previamente e oriundos das teorias e concepções do sofista.

Ademais, ainda em favor da concepção de que Platão não teria privilegiado a perícia de Sócrates, um filósofo, em detrimento de Protágoras, um sofista, podemos perceber que ao final da *logomaquia* os dois principais interlocutores obtiveram resultados bastante parecidos, de modo que observamos um relativo equilíbrio em relação a vários aspectos:

- a) Ao tamanho dos discursos (maior discurso de Sócrates: de 342 a até 347 a, maior discurso de Protágoras: 320 d até 328 d);
- b) À capacidade de perguntar e responder brevemente (o personagem Sócrates afirma, em 329 b, que Protágoras é capaz dos dois tipos de discursos, os longos e os breves. O personagem Alcibíades afirma que a capacidade de dialogar com perguntas e respostas breves é qualidade própria de Sócrates, em 336 c);
- c) Ao domínio da tradição mitológica e poética que os precedem (Protágoras com mito de Prometeu e Epimeteu, em 320 d, e Sócrates, quando discursa sobre Poema de Simônides, em 339 d);
- d) À resistência em ceder aos métodos dos adversários (Sócrates ameaça abandonar o encontro pelo fato de Protágoras não ceder ao seu método de

perguntas e respostas breves, em 335 c, e Protágoras, responde, a contragosto, somente acenando, em 332 a-333e);

e) À capacidade de mudar de opinião, reconhecimento de afirmações equivocadas (Sócrates passa a aceitar que a virtude pode ser ensinada, 328 e, e Protágoras assume que é impossível ser corajoso sem deter a sabedoria das coisas corajosas, em 360 e, diferente do que afirmara de início);

f) À defesa de ideias heterodoxas e “relativistas” (Protágoras afirma que o que chamamos de “bom” depende das circunstâncias, em 344, e que “tudo guarda semelhança com tudo”, em 331d, e Sócrates defende a ideia de que “bom”, “mau”, “prazer” e “sofrimento” não existem em si mesmos, e que escolhemos as coisas a partir de um cálculo exato do que proporciona mais benefícios e menos malefícios, de 354 até 358).

Assim, temos todos os motivos para tomar o diálogo *Protágoras* como um bom exemplo do que seria a concepção filosófica de Platão: um verdadeiro embate de ideias em que o λόγος, como se tivesse a capacidade de tomar vida própria, fala mais alto do que concepções individuais e parciais da verdade²¹:

[Sócrates] – Para mim não faz diferença, desde que só você responda, seja sua opinião sobre o assunto ou não. Pois eu, pelo menos, investigo principalmente o λόγος, daí resulta, conseqüentemente, que tanto eu, que estou perguntando, como o que está respondendo se submetem à prova do mesmo modo. (333 c).

Referências

ARISTOTLE. **Complete works of Aristotle**: The revised Oxford translation. Princeton: Princeton University Press, 2014.

BARTLETT, R.C. Political Philosophy and Sophistry: An Introduction to Plato's Protagoras. In: **American Journal of Political Science**, v. 47, n.4 pp. 612-624. [S.l.], Oct. 2003. Disponível em: <www.jstor.org/stable/3186122>.Data de acesso: 06 de junho.2009.

BENOIT, A. H. R. **Em busca da odisseia dialógica**: a questão metodológica das temporalidades: reencontrando a materialidade de *lexis*: primeiro livro da tetralogia dramática do pensar. Tese de livre-docência em 4v. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Campinas, 2004.

²¹ Cf. BENOIT (2004, p. 35) e SOUZA (1996, p. 49). Ambos autores, referindo-se às **Lições sobre a História da Filosofia**, atribuem a Hegel a heterodoxa leitura da forma “Filosofia de Platão” como “dialógica”, cito Souza: [segundo Hegel] “a forma da filosofia platônica é a dialógica”. Benoit, no capítulo II “Uma obra sem autor e sem doutrina” da sua obra já mencionada, destaca a própria forma dos diálogos eclipsarem a figura de Platão (p. 30), bem como o fato de intérpretes, já na Antiguidade, relativizarem a existência de uma filosofia platônica dogmática (p. 37).

CAPIZZI, A. **Protagora, le testimonianze e i frammenti**. Edizione riveduta e ampliata con uno studio su la vita, le opere, il pensiero e la fortuna. Sansoni: Florence, 1955.

CASSIN, **L'effet sophistique**. Gallimard: Paris, 1995.

COLE, T. The Relativism of Protagoras. In: **Studies in Fifth Century Thought and Literature**. Yale Classical Studies. Cambridge University Press: New York, 1972.

DUPREEL, E. **Les Sophistes**. Bibliothèque Scientifique. Éditions du Griffon: Neuchâtel, 1948.

FILÓSTRATO **Vidas dos Sofistas**. (Ou o Métiér Sofístico Segundo Filóstrato). Tradução estudo introdutório e notas de Oswaldo Cunha Neto. Editora Appris: Curitiba, 2021.

FORSDYKE, S. L. **The historical Gorgias and Plato's "Gorgias"**: A comparison leading to a method for managing Platonic testimony on the early sophists. Queen's University at Canada: Kingston, 1991.

GRAIG, E. **Routledge Encyclopedia of Philosophy**. Ed. Geral Edward Graig. By Routledge: London, 1998.

GREENE, W. C. The Spirit of Comedy in Plato. Source: Harvard Studies. **Classical Philology**, 1920, Vol. 31 (1920), pp. 63-123 Published by: Department of the Classics, Harvard University Stable URL: <https://www.jstor.org/stable/310732>. Data de acesso: 20 /05/2019.

GUTHRIE, W. K. **The Sophists**. Cambridge University Press: Cambridge, 1971.

HANSON, H. **Bryn Mawr Classical Review**. Review by Plato's Counterfeit Sophist. Hakan Tell, Plato's Counterfeit Sophists. Cambridge, MA: Center for Hellenic Studies, Harvard University, 2011.

KERFERD, G. B. **The sophistic movement**. Cambridge University Press: Cambridge, 1989.

LAERCIO, D. **Lives of eminent philosophers**. With an English translation by R.D. Hicks. Harvard University Press: London, 1991.

LAMM, J.A. Schleiermacher as Plato Scholar. **The Journal of Religion**, v. 80, n. 2, pp. 206-239. [S.l.], Apr. 2000. Disponível em: <www.jstor.org/stable/1206234>. Data de acesso: 20 /05/2009.

LOPES, D. R. N. **O Filósofo e o Lobo**: Filosofia e Retórica no *Górgias* de Platão. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem: Campinas, 2008.

NAILS, D. **The People of Plato**. A Prosopography of Plato and Other Socratics. Hackett Publishing Company, Inc. Cambridge, Indianapolis, 2002.

NIGHTINGALE, A.W. **Genres in dialogue**: Plato and the construct of philosophy. Cambridge University Press: Cambridge, 2000.

PLATO. **Protagoras**. Arieti, James A. (edt); Barrus, Roger M. (edt). Published by Rowman & Littlefield Publishers: New Hardcover, 2010.

PLATON. **Protagoras**: Ouvres Completes. Texte établi e traduit par Alfred Croiset. Tome III. Les Belles Lettres: Paris, 2001.

PLATO. **Protagoras**. Translated with an Introduction and Notes by C.C.W. Taylor. Oxford University Press: New York, 1996.

PLATO. **Complete works**. Edited, with introduction and notes by John M. Cooper. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1997.

PLATÃO. **Protágoras**. Tradução estudo introdutório e notas de Eleazar Magalhães Teixeira. Edições UFC: Fortaleza, 1986.

RIBEIRO, J.A. Uma Interpretação Comparativa dos Diálogos Íon e República de Platão. **Polimatheia** – Revista de Filosofia. Vol. V, nº7, p.87 – 110. Fortaleza, 2009. disponível em: <http://www.uece.br/polymatheia>. Data de acesso: 03/09/2010.

SMITH, W. **Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology**. Volumes I, II and III. Printed by Spottiswood and Co.: London, 1861.

SOFISTI. **Testimoniase e Frammenti**. Introduzione e Commento a cura di Mario Untersteiner. La Nuova Italia Editrice: Firenze, 1949.

SOUSA, J. C. Dialogação Platônica. **Boletim CPA**. Ano I, nº2. Periódico do CPA (Centro de Estudo e Documentação sobre o Pensamento Antigo Clássico e sua posteridade Histórica): Campinas, 1996.

_____ **A caracterização dos sofistas nos primeiros diálogos de Platão**. Tese (concurso para catedra) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras: São Paulo, 1964.

SUIDAS. Suda online: byzantine lexicography. Disponível em: <http://www.stoa.org/sol/>. Acesso em: 12 maio 2016.

VAZ PINTO, M. J. **Sofistas** – Testemunhos e fragmentos. Introdução e notas: Maria José Vaz Pinto e Ana Alexandre Alves de Sousa. Imprensa Nacional Casa da Moeda: Lisboa, 2005.

ZILIOLI, H. **The Challenge of Relativism**: Plato's subtlest enemy. Published by Ashgate Publishing Limited: Wiltshire, 2007.

ZUCKERT, C. H. **Plato's Philosophers: The Coherence of the Dialogues**. University of Chicago Press: Chicago, 2009.